

Felipe Lima Fernandes Ribeiro

Quando a doença reapareceu no ano passado, 56 países embargaram a compra da carne brasileira

Novos focos de
aftosa preocupam
setor pecuário

Economia com

FEBRE

ALESSANDRA DA PAZ
PAOLA GARCIA

Enquanto pecuaristas culpam o Estado pela falha no repasse de verbas para o controle da febre aftosa, o que teria causado o reaparecimento do mal em rebanhos bovinos do Brasil, o governo responde aos ataques também com uma acusação: a de que os produtores foram displicentes com a vacinação e, isso sim, seria a origem do problema. Em meio a esse fogo cruzado, novos focos da doença têm surgido, debilitando a economia nacional e a imagem do país, que deixa de exportar para grandes mercados como a Rússia – maior importadora da carne brasileira.



No dia 10 de outubro do ano passado, 153 gados de uma fazenda modelo, pertencente à família Vezozzo, em Mato Grosso do Sul, apresentaram sintomas da doença. Em novembro de 2005 e fevereiro deste ano, campanhas de vacinação contra a febre aftosa foram feitas na região, mas ela ressurgiu em abril de 2006. Para o vendedor José Passoni, de Ponta Porá (MS), a culpa é tanto do governo, quanto de pecuaristas irresponsáveis. "Se realmente tivessem vacinado o gado na época, a doença não teria reaparecido em abril", argumenta.

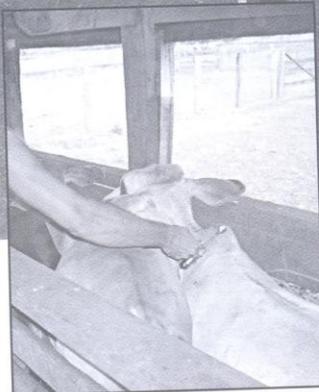
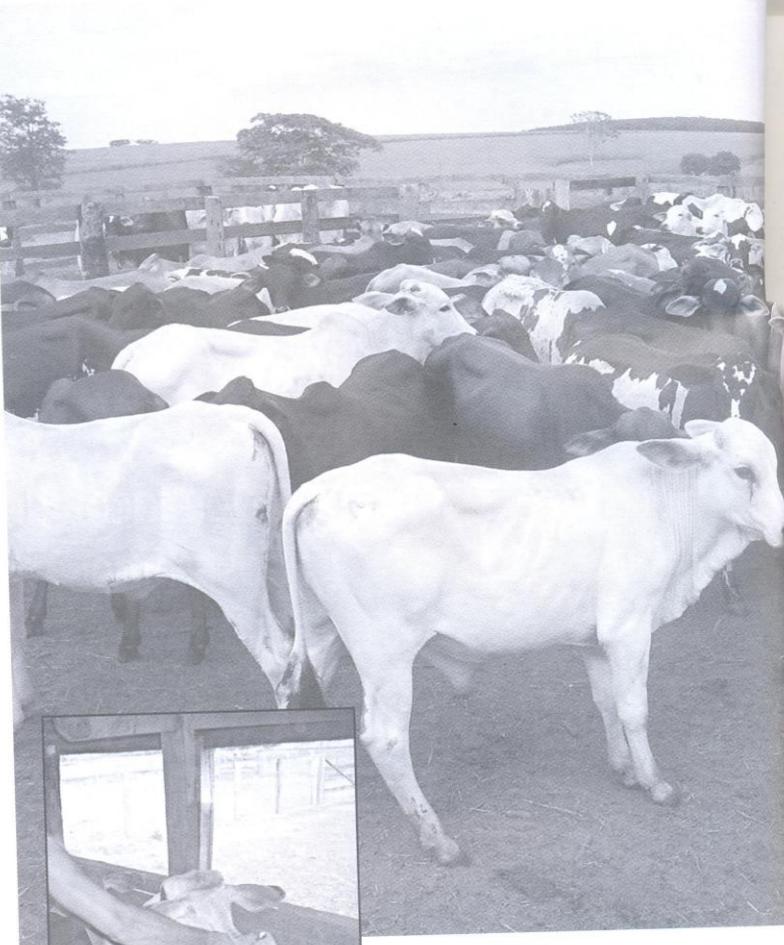
Além dos problemas sócio-econômicos e dos prejuízos ao setor pecuário, sobretudo nas regiões onde os focos ocorreram, "os impactos sobre a imagem do produto brasileiro no mercado internacional são bastante fortes", explica Shirley Menezes, pesquisadora do mercado pecuário do Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada) da Esalq/USP (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, da Universidade de São Paulo).

A pesquisadora se refere ao fato de que os países importadores estabelecem barreiras sanitárias e suspendem a compra de carne brasileira, limitando assim, a participação do país no mercado internacional. Isso porque, quando a carne é exportada, o vírus pode se propagar no território estrangeiro e, posteriormente, se alastrar pelo rebanho.

Quando a doença reapareceu no ano passado, 56 países embargaram a compra do produto, dentre eles Rússia, Chile e Holanda, os principais importadores. Juntos, esses países absorvem quase 50% das exportações da carne, sendo que cerca de 15% vem sendo destinadas ao mercado russo nos últimos anos. "É evidente que o fechamento desses mercados têm reflexos negativos sobre as vendas externas", afirma Shirley.

No mercado interno, o cenário tornou-se ainda mais negativo. O forte desequilíbrio entre oferta e demanda pressionou as cotações do boi e da vaca para patamares baixíssimos, prejudicando fortemente a rentabilidade de pecuaristas. "Parece até que a aftosa foi encomendada para preço do boi não subir", comenta Passoni, que não esperava essa queda brusca dos preços.

Fotos: Felipe Lima Fernandes/Ribeiro



Em novembro de 2005 e fevereiro deste ano, campanhas de vacinação contra a febre aftosa foram feitas no MS, mas ela ressurgiu em abril de 2006

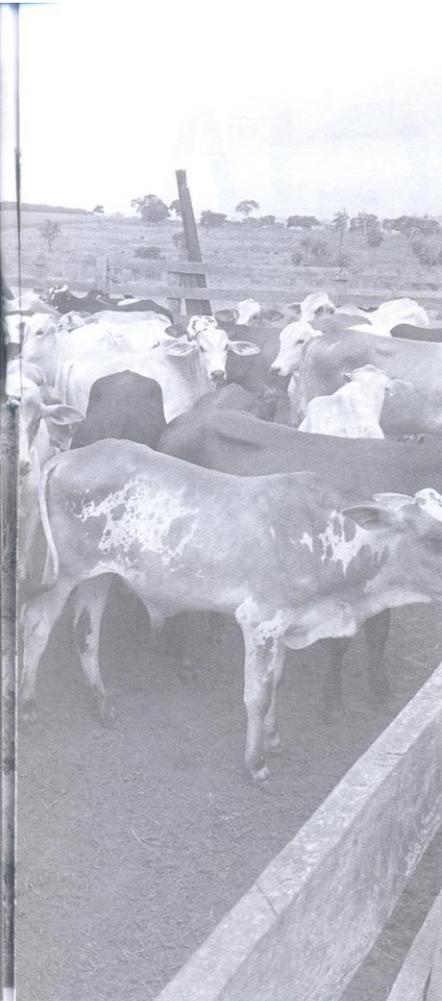
Mercosul

O Brasil é o maior exportador de carne bovina no mundo e segundo em produção – o primeiro são os EUA. A Argentina ficou em terceiro lugar como exportador da carne bovina em 2005. O Paraguai tem quase duas cabeças de gado por habitante e exporta para 40 países. Mesmo assim, surtos da febre aftosa surgiram tanto em terras brasileiras como argentinas.

Na apresentação sobre o mercado mundial de carnes, durante o Simpósio Brasileiro de Carne Bovina que aconteceu no último mês de março na Esalq/USP, o diretor da Coimex, Jeremiah O'Callaghan, enfatizou a irresponsabilidade desses países, já que eles ainda não conseguiram eliminar totalmente a doença.

"Dias depois da confirmação do foco no Mato Grosso do Sul falou-se muito sobre possíveis focos da doença no Paraná. A discussão sobre ter ou não aftosa naquele estado se estendeu até o início deste ano. Já na Argentina, foi confirmada a doença e acabou. O abate foi feito e o assunto foi encerrado", afirmou O'Callaghan.

O Brasil enfrenta grande dificuldade em combater a febre aftosa já que o país tem uma imensa área de fronteira



ra. Segundo o presidente nacional da pecuária de corte, Sebastião Guedes, o país não pode mais trabalhar sozinho. "Temos de colaborar com os vizinhos, porque o preço da segurança é realmente uma boa estrutura de vigilância sanitária", enfatiza.

Prova de que a imagem do país só se torna negativa no exterior é que, conforme O'Callaghan, "na Europa os meios de comunicação passaram a falar mal do Brasil porque `nós` exportávamos muita carne para lá; a imprensa européia passou até a falar que no Brasil havia trabalho escravo".

A doença

A febre aftosa é causada por vírus altamente contagiosos. O aftovírus, um dos menores organismos encontrados na natureza, pode ser transmitido pelo

OCORRÊNCIAS DE FOCOS DE FEBRE AFTOSA NO BRASIL

ANO	NÚMEROS DE CASOS
1990	979
1991	757
1992	1.232
1993	1.433
1994	2.093
1995	589
1996	215
1997	167
1998	35
1999	37
2000	47
2001	37
2002	sem ocorrência

Histórico

O primeiro foco da doença estima-se que ocorreu em 1514, na Itália, mas apenas no século 19 a doença foi vista como algo alarmante. No Brasil, o vírus apareceu em 1871 com a importação de bovinos da Europa.

Em 1919, o Brasil já começou a combater a febre aftosa e, em 1951 foi criado um programa nacional de combate à doença. Sem uma vacina eficiente e por carência de recursos financeiros e humanos o programa fracassou. Durante toda a década de 60, o país instituiu vários outros programas e, em 1968, o BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento) financiou o Projeto Nacional de Combate à Aftosa. Em 1987, foi criado um convênio internacional entre o Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai para controle das doenças dos animais, mas que não teve sucesso.

leite, carne e saliva do animal doente. A doença também é transmissível para animais pela água, pelo ar (o vento pode transportar o vírus até 90 quilômetros), por objetos e locais sujos e, até mesmo, por alguém que tenha entrado em uma área onde há aftosa (pode levar o vírus na roupa). E é exatamente pela facilidade da transmissão que a primeira medida a ser tomada quando descober-

ta a doença é a eliminação de todo o rebanho contaminado.

O animal doente apresenta aftas na boca, provocadas pela alta febre, salivação, feridas nas patas, língua e nas mamas. Com isso, tem dificuldade de pastar, perde o peso e ocorre diminuição na produção de leite (no caso da vaca).

Se o homem comer a carne com aftosa a doença não é passada. O ser humano é extremamente resistente ao vírus, e só pode ser contaminado se ficar muito tempo em contato direto com animais contaminados. Até hoje, apenas 40 casos de febre aftosa em humanos foram registrados em todo o mundo.

Estatísticas

O Brasil, embora conte com instituições de credibilidade em relação à estatística, tem uma grande dificuldade em obter uma contagem exata, ou até aproximada do rebanho bovino nacional, já que os critérios utilizados são diferentes conforme o centro de pesquisa. A dificuldade ainda se torna maior quando se calcula que o número de abates clandestinos anuais é alarmante. Diante disto, alguns centros de pesquisas utilizam informações sobre a vacinação como base para estes dados.

Segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), o Brasil tem cerca de 200 milhões de cabeças de gado, ou seja, o país tem o maior rebanho bovino comercial do mundo. Só o estado do Mato Grosso do Sul totalizou, em 2003, 25 milhões de cabeças, cerca de 12,78% do rebanho nacional.

O Brasil encerrou o ano de 2005 mais uma vez como o líder de exportação de carne, conforme os dados da Abiec (Associação Brasileira das Industrias Exportadoras de Carne). De janeiro a dezembro de 2005, foram exportadas 2,3 milhões de toneladas. Os maiores destinos foram: Rússia, Europa, Egito, Chile, Bulgária, Argélia, Arábia Saudita, Hong Kong e Israel.

Nota-se, portanto, a grande responsabilidade do país na melhoria da saúde dos animais com o objetivo de manter abertas as portas do mercado internacional, pois os prejuízos causados por pequenos focos de doenças são grandes, mesmo em regiões que sequer chegam a serem exportadoras. ■